



# UMA VOZ CO

Em discursos radiofônicos durante a II Guerra, Thomas Mann tentou salvar a terra de Goethe e Beethoven da destruição moral promovida pelo nazismo

JERÔNIMO TEIXEIRA

**FORÇAS DAS TREVAS** *Thomas Mann: os alemães estavam entre os "povos oprimidos" por Hitler*

Muito já se comentou sobre a aparente contradição entre o maravilhoso legado da cultura alemã e a torpeza do nazismo. Como pôde a terra de Kant, Goethe, Beethoven e tantos outros luminares da filosofia, da literatura e da música originar a negação mais cabal do humanismo e da razão? Enquanto Hitler devastava a Europa, o escritor Thomas Mann (1875-1955), de seu exílio nos Estados Unidos, tentava desesperadamente dissociar as altas realizações do "espírito alemão" dos monstruosos crimes cometidos pelo nacional-socialismo. A Alemanha nazista, dizia ele, "não pode mais ser nem alemã". Essa defesa da essência germânica foi expressa no terceiro dos 58 discursos que o autor de *A Montanha Mágica* transmitiu, pela rádio BBC de Londres, a seus compatriotas — discursos reunidos em *Ouvintes Alemães!* (tradução de Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick; Jorge Zahar; 224 páginas; 39,90 reais). À parte o estilo elegante e a argumentação cristalina do maior escritor alemão do século XX, a beleza dessas exortações encontra-se no seu esforço entre desilu-



## CONSCIÊNCIA NO EXÍLIO

As opiniões que o escritor Thomas Mann gravava nos Estados Unidos e transmitia para a Alemanha, via rádio, durante a II Guerra Mundial

"Com razão, os destruidores da Europa e os violadores de todos os direitos dos povos veem em **ROOSEVELT** seu mais poderoso adversário. Ele é o representante da democracia combativa, o verdadeiro defensor de uma nova ideia de liberdade ligada ao social e um estadista que sempre distinguiu claramente paz de conciliação."

Novembro de 1940

# CONTRA A BARBÁRIE

didado e heroico de falar ao que restaria de racionalidade sob a sombra da suástica.

Os discursos de Mann começaram a ser transmitidos em 1940 e seguiram, com algumas interrupções, até o fim da guerra, em 1945. Inicialmente, o autor telegrafava os textos para Londres, onde um funcionário da BBC que falava alemão fazia a leitura. A partir de março de 1941, o próprio Mann fazia a leitura em um estúdio americano e a gravação era então transmitida por telefone para Londres, para ser levada ao ar. Mann comentava os acontecimentos mais recentes da guerra — discursos dos líderes aliados ou dos chefes nazistas, bombardeios, deportações de judeus. No conjunto, suas falas radiofônicas documentam como a guerra na Europa era percebida nos Estados Unidos. Pode-se observar, por exemplo, a gradual tomada de consciência das verdadeiras dimensões do holocausto — de ocasionais menções a execuções de judeus, em 1942, à descoberta da matança industrial em campos de concentração como Auschwitz em 1945.




A progressão dos pontos de vista do próprio Mann é ainda mais interessante. Em suas primeiras transmissões, ele apela para o suposto desejo de paz de seus compatriotas e diz que os próprios alemães deveriam ser contados entre os “povos oprimidos” da Europa. A Alemanha era uma espécie de vítima ingênua da canalha nazista que ocupara seu governo. Mais para o fim da guerra, quando a derrota do nazismo se delineava no horizonte, os discursos chamam os alemães a assumir a responsabilidade pelos crimes que cometeram, a única chance, argumentava o Nobel de Literatura de 1929, de encontrarem seu lugar na “nova ordem” democrática que se instalaria após a queda de Hitler e seus asseclas.

Ainda na Alemanha, o próprio Mann vivera um período de nacionalismo exaltado, muito próximo das ilusões de grandeza que alimentariam a ascensão do nazismo. Durante a I Guerra Mundial, chegou a romper com o irmão mais velho, o também escritor Heinrich, porque este se posicionava contra o beli-

cismo germânico. No entreguerras, porém, Thomas Mann foi gradualmente abandonando seu patriotismo autoritário para abraçar os princípios democráticos da claudicante República de Weimar. Em 1929, alarmado com o crescimento dos nazistas, Mann criticava o triunfo das “forças das trevas” e da irracionalidade na política de seu país. Teve a sorte de estar na Suíça quando Hitler subiu ao poder, em 1933. Não voltaria mais a residir na Alemanha.

No último discurso de *Ouvintes Alemães!*, em novembro de 1945, cerca de seis meses depois da capitulação dos nazistas, Mann explica por que não desejava se restabelecer na terra natal. Não achava possível reencontrar o país que deixara em 1933. Tinha o sentimento profundo de que a antiga pátria, dilacerada em diversas zonas de ocupação, não existia mais como unidade. Restava apenas a culpa por seus crimes terríveis: “Tudo o que se chama alemão está incluído na ampla e terrível culpa nacional”. Embora pedisse desculpas aos ouvintes por não ser nacionalista, Mann ainda conservava seu orgulho pela herança cultural alemã. Afirmava que manteria, no exílio, a sua “germanidade cosmopolita”.

TRECHO DO LIVRO EM   
www.veja.com.br



“Chegamos à decisão maníaca de exterminar os judeus europeus. (...) Na França não ocupada, 3 600 judeus foram embarcados para o Leste. Antes mesmo de o **COMBOIO DA MORTE** se pôr em movimento, 300 pessoas cometeram suicídio. Isso causou indignação no povo francês. E para vocês, alemães, não significa nada?”

Setembro de 1942



“Os **ATAQUES AÉREOS** britânicos sobre a terra de Hitler causaram estragos à minha cidade natal. (...) Mas não tenho objeção contra a doutrina de que tudo deve ser pago. Haverá outras pessoas de Lübeck, Hamburgo, Colônia e Düsseldorf que quando ouvem a Royal Air Force sobre sua cabeça desejam a ela todo o sucesso.”

Abril de 1942

“**HITLER**, com sua reles crueldade, com seus constantes rugidos de ódio, seu estropiamento da língua alemã, seu fanatismo mediocre, (...) é a mais repugnante figura sobre a qual jamais caiu a luz da história!”

Fevereiro de 1941

